TL 4685

CONFERÊNCIA

(Lançamento de *À Janela de Timor*)

Brincava com outras crianças da minha idade na imensidão de natureza de Baguia, com inacabável germinação apinhada de frutas e flores, e onde sob as suas folhagens se acolhiam pássaros, rolas e loricos, e abaixo da qual escorria água límpida que alimentava campos verdejantes de arrozais e por altura de colheitas ouvia nas noites mornas a volta da fogueira, contos e lendas, quando tudo acabou com o deflagar da guerra.

Nenhuma criança da minha idade conseguia imaginar o caos que a guerra iria provocar. A verdade era a de que a guerra, essa grande peste, nos roubou a felicidade em tão curto espaço de tempo.

Estava eu em Baucau, quando a Indonésia atacou Díli a 7 de Dezembro de 1975, por mar e ar. Tinha 10 anos de idade.

Baucau era uma cidade prisioneira, assim como tantas outras, cercada por tropas, canhões e tanques de guerra. A vida daqueles anos foi de sofrimento, fome e medo. Muitas pessoas que conheci morreram de fome e doença ou desapareceram sem nenhuma razão aparente. Entre elas, lembro-me de uma criança, de pele e ossos, cheia de ferimentos no corpo e na cabeça, vítima de bombardeamentos, que acabara de chegar de Quelicai, de um pequeno posto administrativo localizado no sopé da montanha de Matebian. Chamava-se Afonso. Seguia na camioneta que transportava mulheres com crianças ao colo, jovens e idosos em condições desumanas. Desde 1978 que fui morar para a Missão Salesiana de Baucau. O Superior da Missão tinha um plano de acção: acolher a população civil e dar-lhe assistência. Por isso, consciente da minha função, apressava-me e corria em direcção à camioneta. Aquela criança, com lágrimas a rolarem pela face, estendendo-me os braços descarnados, abraçou-me e, murmurando ao meu ouvido, disse em língua Makassae: «*Assi kaka: ani bolihi, hai mu'irissi ani noto nawa*» (Meu irmão: tenho fome, há muito tempo que não como). Sossegando-lhe o espírito, dizia que a nossa equipa já preparou comida para ele e para as outras pessoas que vieram juntas. Sorriu e, oferecendo-me um *caléic* que trazia no bolso, disse: «Quando eu ficar bom, vamos jogar *caléic*.» Respondia-lhe: «está combinado».

Passei, como era lógico, uma noite intranquila na minha cama, dormindo sobre tábuas lisas e implacáveis, de dureza equiparável à das paredes de rocha. No dia seguinte, quando os primeiros raios do sol reflectia sobre o gondoeiro, soube que o meu amigo morreu. Meu amigo, esse, que, no primeiro dia de encontro me ofereceu o *caléic*, deixou-me para sempre; não chegamos a jogar o *caléic* como havia sido combinado, mas o seu sofrimento - da ferida e dor até às lágrimas, da doença e fome até à morte - está vivo nos meus poemas.

Durante mais de três anos, eu e os outros sete companheiros (três de entre nós tornaram-se sacerdotes e trabalham em Timor), ajudámos os Padres Salesianos e as Irmãs Canossianas a acolher as crianças, os jovens e idosos que desciam da montanha

de Matebian, preparando-lhes diariamente refeições de papas de milho, arroz, mandioca, inhame e batata. Todos os dias ia buscar água à nascente, junto à loja de Mopingking, e transportava-a ao ombro.

Fui muitas vezes com alguns companheiros, pela madrugada, carregado de roupas e toalhas, sabão e leite de coco fresco que servia de shampó, acompanhando as crianças e pessoas de idade, feridas e doentes, até a outra nascente de água, ao lado do Hotel Flamboyan, para lhes dar banho, e regressar depois com eles para o Centro de Acolhimento.

Fui muitas vezes de Bedford com o Padre João de Deus Pires às aldeias, levando sacos de milho e arroz para serem distribuidos à população civil que se encontrava nos campos de concentração. Cortei lenha para o lume, descarreguei sacos de milho e arroz, enterrei mortos, ajudei outros companheiros a fazer horta na Missão Salesiana nos arredores do aeroporto de Baucau, cavando terra, cultivando couves, repolhos, feijão, batatas, mandioca, abóbora e cebola, para serem depois fornecidos à população civil faminta. Naquele tempo (de 1978 a meados de 1981), além dos meus estudos, não tinha outra ocupação como os meninos da minha idade nos países sem guerra, senão trabalhar para que os outros possam sobreviver. Este era o meu duro oficio diário, mas tinha também uma responsabilidade acrescida. Como falava razoavelmente bem a língua indonésia, a mim, o Superior da Missão, Pe. Magalhães, encarregou-me para levar comida aos prisioneiros de guerra detidos na Escola Chinesa e ao Pe. Leoneto, preso numa tenda improvisada no campo de futebol em Teulale. Quando levava comida à Escola-Prisão, os prisioneiros pediam-me muitas vezes para eu lhes ensinar os cinco princípios do Pancasila (a ideologia oficial do Estado Indonésio) e os dois hinos, nomeadamente: *Indonesia Raya* (a Grande Indonésia) e *Kami Pramuka Indonesia* (Nós, Escuteiros da Indonésia). Segundo o comandante do KODIM, para ser um bom cidadão indonésio, os prisioneiros tinham que saber o Pancasila e cantar estas duas canções.

Enquanto eu lhes ensinava a decorar o Pancasila e a cantar as músicas, vinha em nossa direcção um soldado, munido de arma e granadas. Vendo o soldado a aproximar-se de nós, um prisioneiro natural do posto de Vemasse, gritou: « Hei assu, bá ó nia rain ». (Hei cão, vai para a tua terra). O soldado, desconfiado, virou-se para mim e perguntou-me: «Dia bilang apa ?» (O que é que ele disse?). Respondi: «Dia bilang bapak berbaik hati». (Disse que o senhor tem bom coração). Assim, esse meu amigo, guerrilheiro e prisioneiro, se safou daquele soldado.

Pouco tempo depois, alguns destes guerrilheiros foram fuzilados, outros libertados, mas continuavam a estar sob permanente vigilância dos militares.

Recordo um acontecimento trágico do qual nunca me esquecerei. Um dia, na hora do almoço, quando se ouviu tiroteios nos arredores da cidade, fui levar comida ao Pe. Leoneto à Teulale. O Comando Militar estabeleceu uma regra, segundo a qual quem se dirigia ao prisioneiro, antes de mais, tinha que se apresentar ao guarda, ser revistado por ele e também fazia o mesmo em relação à comida. Nesse dia, transgredindo a regra, o guarda deu-me uma sova e fui parar na valeta: sopas e

molhos de peixe que levava na marmita entornaram-se em cima de mim; levantei-me e ajeitei a marmita; com os restos de comida agarrados aos meus cabelos longos, a roupa toda ensopada e, uma mão segurando as sandálias feitas de pneus e a outra a marmita, regressei descalço e a chorar à Missão Salesiana.

Ao anoitecer, tinha por hábito pedir aos anciãos que viviam no Centro de Acolhimento para contar histórias dos antepassados e dos guerrilheiros que resistiam nas montanhas; inteirava-me dos seus interesses e necessidades, dos seus valores e reivindicações, e a justeza da sua luta. Esta experiência se repetia vezes sem conta, aquando estudava na Escola Salesiana, no Externato de São José e no Seminário em Díli, e também durante as minhas estadias nas vilas e aldeias por onde passava.

Entretanto, fui estudar para o Seminário Maior de Malang, Java, Indonésia; no meu estágio pastoral na Paróquia de Ermera, Timor, tive oportunidade de conviver com crianças, jovens e adultos; a todos eu falava: sob a chuva torrencial nas ruas lamacentas ou debaixo do sol tórrido no adro da Igreja, nos jardins ou nas festas populares. Todas estas pessoas são uma Biblioteca viva, que me ensinaram a viver e a sobreviver, com quem aprendi a respeitar a pessoa humana e os seus valores, com quem aprendi também a ser solidário com a humanidade e a ser sensível ao sofrimento e ao sentido do mistério da sacralidade, e a entender a grandeza e a miséria humana.

O sofrimento do Povo de Timor foi e continua a ser o alicerce da minha poesia. Não vivi em mim mesmo. Vivi a vida e alma dos meus irmãos timorenses. Fui obrigado a reflectir mais cedo sobre o mundo e sobre o drama da minha Pátria. Aquilo que escrevi é o que a maioria do Povo de Timor pensa e sente, desde que a tragédia se abateu sobre nós. É a súmula da consciência de um Povo que está presente: a consciência do Povo de Timor. É pensar de modo novo o que foi dito e vivido pelos meus antepassados e pelas gerações de actualidade.

Timor-Leste não está sozinho na busca de paz e liberdade. Penso noutros povos que sofrem igualmente injustiças e massacres. Penso no povo irmão de Angola e Guiné Bissau, no povo do Tibete e da Irlanda do Norte, nos minoritários albaneses do Kosovo, e em tantos outros povos em toda a parte.

Há já vinte e três anos que o Povo de Timor luta pela paz. É urgente uma intervenção das Nações Unidas para a manutenção da paz no território e ajuda humanitária para a população civil faminta e desalojada.

Gostaria de, em primeiro lugar, agradecer ao Dr. Zeferino Coelho, Director da Editorial Caminho, por ter editado a obra e também pelo seu gesto solidário em oferecer mil exemplares para o Conselho Nacional da Resistência Timorense no interior do território de Timor-Leste.

Agradeço igualmente ao Dr. Francisco Ribeiro Telles, Chefe do Gabinete do Ministério dos Negócios estrangeiros pela amável atenção em facilitar o envio de mil exemplares do livro para Díli,Timor, por mala diplomática, via Jacarta.

Os meus agradecimentos a Sophia de Mello Breyner Andersen, uma das grandes poetisas do nosso século, por ter sido sensível ao drama do Povo irmão de Timor, aceitando prefaciar o livro e apresentá-lo ao público.

Os meus sinceros agradecimentos a todos os meus amigos aqui presentes, ao Dr. António Neves e família, aos meus pais e irmãos, expresso a minha gratidão, e convosco partilho a minha felicidade.

Por último, os meus sinceros agradecimentos a D. Carlos Filipe Ximenes Belo Dr.José Ramos-Horta, Dr. Roque Rodrigues, Dr. Vicente Guterres, pelo seu constante apoio e encorajamento.

João Aparício

Lisboa, 6 de Abril de 1999.